



Noites de Insónia

15 setembro 2021

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

Segundo Comendador ¹

(HISTÓRIA SENTIMENTAL)

Aos 55 de idade, o comendador Palhares liquidou duas dúzias de contos adquiridos em trinta anos de trabalho no Brasil e regressou a Portugal.

Pelo tempo que consumiu e pelo pouco que agenciou, bem se deixa ver que mercadejou honradamente. As grandes fortunas surpreendem-se de assalto; as pequenas conquistam-se devagar. Em matéria de riqueza, os improvisos prósperos são por via de regra infâmias felizes.

Vinha enfermo do fígado, hipocondríaco, mais obrigado pelos médicos e por desgostos do que por saudades da pátria. Não tinha família própria nem parentes na sua aldeia — uma povoação triste e montanhosa em Trás-os-Montes.

Quando saíra para o Brasil aos 23 anos, ia já cativo da Igreja por ordens sacras. Se lá amou,

¹ Diz-se *segundo* porque o autor já explorou as virtudes de um *primeiro* COMENDADOR nas NOVELAS DO MINHO. À maneira que forem aparecendo, serão numericamente explorados, e é provável que apareçam muitos comendadores.

teve de estrangular as suas paixões para ser decente e honesto. Naquele país inflamatório, notaram-lhe a frialdade do coração, a casca impenetrável a beliscões de mulheres galantes — umas cariocas capazes de converterem um minhoto atarracado, com os pés acastelados de joanetes, num *gommeux*, um estoiradinho, com as flexuosidades e ligeirices de um fauno. Até fora do Brasil, tenho visto indivíduos gordos e gibosos, influenciados pela gentil paixão do belo sexo, exercitarem, arrojadamente, movimentos rápidos, voláteis, funambulescos, como se o amor os adelgaçasse até à natureza de silfos, crispados de cio quando enxergam ninfas de bosque... com *Restaurante* e salada de camarões.

Ainda assim não assevero que eles exibam a perfeita elegância de Buckingham. O certo é que, quando se trata de amor, as leis da morfologia humana sofrem muitas excepções. No sexo gentil dá-se a mesma falta de lógica. Senhoras muito gordas, esferóides, amam como se tivessem dentro, em corpo e alma, três Beatrizes e duas Lauras. Os paradoxos estéticos pululam em tudo que diz respeito a regras plásticas orgânicas — bem me entendem; e também sabem quanto é poderosa a acção calorífica sobre os seres organizados. Aqui entra um pouco de transformismo lamarckista e darwinista. O amor quente, em temperatura alta, é evolutivo, grande modificador: pega da matéria organizada e muda-lhe a direcção, fazendo explodir novos organismos que virtualmente existiam nas leis organogénicas. A fisiologia experimental confirma isto. Consulte-se Claude de Bernard.

*

Palhares rejeitara propostas de casamento com meninas bem amoadadas. Esquivava-se com pretextos esquisitos, arguindo-se de impertinente, mau génio, temperamento infeliz e funesto para marido. Nunca revelou ter recebido ordens clericais que o impediavam de amar honestamente, para o bom fim. Suspeitou-se, ainda assim, que uma ou outra mulher lhe chegara ao vivo do coração com as flechas dos olhos, como lá os há, feitos de melão, languidez e coriscos. Assim seria; mas, nesses conflitos, João Palhares inesperadamente mudava de terra, labutando sempre no seu negócio e redobrando na faina, enquanto o preocupavam alvoroços do seu pobre coração escravo do voto sacramental. «O trabalho há-de salvar-me», dizia ele, sem confidenciar-se a algum raro conhecido que se interessava na sua felicidade, escurecida por longas intercadências de tristeza que coincidiam sempre com excessos de trabalho — uma espécie de frenesi sem descanso. Encontravam-no então no interior, por mercados sertanejos, a enfeitar os seus géneros como um reles mascate, já quando a sua agenciada fortuna o devia dispensar desse baixo negócio. Portanto, na opinião das pessoas normais, bem organizadas, Palhares era um maníaco, honrado sim, mas com uma grande pancada na mola.

O nome da sua província e menos ainda o da sua aldeia ninguém o sabia. Desconfiavam alguns seus émulo no tráfico que o Palhares, indo para o Brasil já taludo, devia ter praticado algum delito na sua terra. Insinuavam que as intermitências de tristeza deviam ser remorsos.

Afinal, por causa da arrematação de um navio naufragado em que ele suplantara outro licitante, ganhou um inimigo que jurou desmascará-lo, indagando-lhe a naturalidade e o crime que o expatriara.

Averiguado e sabido o ano da sua chegada ao Rio, foi fácil descobrir o passaporte. Esse documento instruiu o processo a seguir. O passageiro dizia chamar-se João Palhares, filho de Manuel Palhares e Rosa Maria, proprietários, naturais de Tourencim, comarca de Vila Real; idade vinte e três anos, profissão — estudante. Isto de *estudante* fez rir muito o velho corpo comercial, corpo acéfalo a que pertencia o averiguador. Predominavam então numa cerrada penumbra intelectual uns paquidermes metalizados, francas bestas que invectivavam contra os *Gabinetes de leitura*, onde se tomava à noite ciência e gasosas — uma relaxação dos bons costumes e dos ventres da colónia portuguesa.

Não tinham ainda florescido na classe mercantil as vingadoras inteligências emigradas que mais tarde enalteceram as pequenas fortunas com o precioso matiz dos labores do espírito. Depois é que luziram naquela treva Fernando Castiço, Eduardo de Lemos, Manuel de Melo, Ernesto Cibrão, Lino da Assunção, Sousa Fernandes e outros que chegaram, por um determinismo biológico, à hora precisa da luta vitoriosa. A civilização da segunda colónia beócia foi mais precalcionada, morosa e fatigante que a da primeira ingenuamente selvagem. Custou menos a fazer de um guarani um épico do que a introduzir ideias de ortografia nos escaninhos encefálicos dos argentinos da Rua da Quitanda, sem vislumbres de sintaxe nem etimologia.

*

O informador, incumbido em Trás-os-Montes de averiguar o crime do Palhares, colhera as notícias em fonte limpa. O pároco de Tourencim contou o que sabia da tradição. — Que o Palhares estudara para padre; e quando já ia adiantado, com ordens menores, e créditos de bom estudante e católico, fora à terra a férias de Natal em tão má hora que se apaixonara por uma moça tecedeira, a ponto de querer largar o estudo para casar com ela; mas o pai pegara num estalho e o levava adiante de si até Braga — modo de dizer. Alguns condiscípulos do minorista informaram o pároco de que o estudante em Braga nunca mais abria compêndio; caíra numa tristeza de urso nostálgico, e toda a sua mania era deixar-se morrer; porém, chegado o tempo de tomar novas ordens, apresentara-se a recebê-las com santa conformidade, resolvido a ordenar-se e a acabar mártir nas missões da China. Mas, um belo dia, varreu-se-lhe de todo o projecto do martírio chinês, e rebentou dentro dele a puxar pelos seus direitos inauferíveis o mancebo de vinte e dois anos, com a razão alumiada *a giorno* por uns livros ímpios que começavam em 1836 a circular em Braga divulgados pelos empregados públicos vindos da emigração. Operou-se no estudante um reviramento completo como costuma ser o dos apóstatas quando os renegados entendem tanto a velha fé que rejeitam como a nova fé que adoptam.

Positivamente, participou João ao pai que não queria ser padre; mas, como precisava de ter modo de vida, iria procurá-lo no Brasil como cai-

xeiro. Respondeu o lavrador que fosse para onde quisesse; vintém para a passagem que não lho dava.

Não sabia o informador como o rapaz se arranjava: iria engajado. O certo é que embarcara e por lá andava, havia coisa de 30 anos, portando-se com a família, enquanto a teve, de um modo superior a todo o elogio. Referia miudezas: — que o lavrador tivera outro filho e uma filha; que a casa em bens era a melhor da freguesia; mas que o velho Palhares, depois que viuviou, passante já dos 50, deu-lhe a loucura para amancebar-se com várias fêmeas, e andar com elas pelas romarias sem vergonha nem recato, espatifando o património dos filhos em pândegas. Que o filho Joaquim o pusera como demente e lhe tirara o governo da casa; mas que a sua cabeça não regulava melhor que a do pai, porque se embebedava todos os dias, grande puxador de pau, e raro havia feira de onde não saísse preso com a cabeça esmichada entre cabos-de-polícia. Que o velho, quando se viu abandonado das fêmeas, se deitara de mergulho a um poço. O insensato tivera aquele intervalo lúcido. À volta dele não havia ninguém que o amparasse. Lembra-se com remorsos da defunta mulher, sua mártir, e do João, ausente no Brasil, a quem sequer não respondera quando o filho humilde lhe participava que lá estava moirando a vida com honra e com fome. O outro, o Joaquim, reduzira-o com a interdição a um passadio de jornaleiro. A filha, uma rapariga beata, logo que pôde emancipar-se e cobrar umas 50 moedas da legítima materna, meteu-se egoistamente num recolhimento de Braga. Os vizinhos troçavam o velho devasso, e os homens sérios desprezavam-

-no. As tais fêmeas, bem vestidas e doiradas de cordões e arrecadas, mudaram de terra com medo que a justiça as despissem como ladras, e esconderam o seu opróbrio nos alcouces da Babilónia de Chaves e da outra Babilónia de Amarante.

O desamparado velho, pois, não achou pessoa nem coisa que lhe oferecesse refrigério, se não um fresco poço em Janeiro. Atirou-se briosamente. Foi um lance de juízo que o absolve de dez anos de asneiras.

*

Por morte do pai, não podia — continuava o informador — apressar-se Joaquim da casa sem dar partilha ao João. Foi deprecada de habilitação para o Rio. João renunciou à parte que lhe coubesse no casal a favor de sua irmã; porém, no acto das partilhas, acudiram com embargos os credores do defunto que absorveram tudo. Os bens prazeiros não cobriram as dívidas.

Na noite imediata ao dia da arrematação, a vasta casaria agrícola de Tourencim resfolegava lavaredas por todas as janelas: ficaram em pé, apenas, as paredes mestras. Toda a gente concordemente depunha que fora Joaquim o incendiário; mas não se lhe provou o crime. Daí a meses, o suposto incendiário recebia do irmão brasileiro uma farta mesada, 60 pintos pagos no 1.º de cada mês. Podia viver regaladamente. Não havia por aquelas serras lavrador que apurasse limpos e secos 2 cruzados-novos por dia.

Quando foi da aclamação do Senhor D. Miguel I em Montalegre, por 1846, o Joaquim Palhares apresentou-se ao Mac Donell, montado na sua garrana, de botas de água, com grandes bar-

bas, intrépido roncador com muita farófia. O caudilho miguelista despachou-o alferes de cavalaria de Chaves, e com essa patente foi arcabuzado em Braga pela divisão do barão de Casal.

A irmã ainda viveu bastantes anos no Recolhimento da Tamanca, recebendo também mesada remetida pelo João; e, quando faleceu no melhor cheiro de predestinada, acharam-se-lhe santos e santas que valiam 150 moedas a olhos fechados. O seu quarto era uma corte celestial de madeira. Parecia um *Flos Sanctorum* ilustrado a pau. Os artífices santeiros de Braga não cessavam de levar ao convento da Tamanca virgens, mártires e confessores, tudo de amieiro e buxo, do tamanho natural, com umas carnaduras sangrentas e olhos piedosos de vidro esbugalhados em êxtases; mas tudo tão caro que, a não haver inconveniência, ousarei dizer que a comedela foi a maior fraude que se tem feito com santos em Braga.

*

Estas informações chegaram ao Rio, quando o comendador João Palhares, atormentado pelas intrigas e mofinas dos invejosos da comenda de Cristo — recompensa de donativos para não sei qual das mendicidades portuguesas — resolvera repatriar-se cansado e doente. Embatucara a calúnia. Divulgou-se, porém, que ele tinha ordens sacras. Estava assim explicado o celibato e o jesuitismo sob capa de melancolia sorna. Em vista das informações fidedignas não podiam os patrióticos esmordaçá-lo e desdourá-lo de outra maneira: tratavam-no de *jesuíta* pela parte rudimentar que tinha de padre.

Não se lhe descobriram fraudes aduaneiras, nem mercancia de moeda falsa, nem veniagas de escravatura. Os seus haveres, por isso que eram poucos, justificavam a honradez com que os amealhara em 30 anos de canseira. Como, pois, não podiam denegri-lo como negreiro ou passador de moeda falsa, chamavam-lhe *jesuíta*.

E assim se formou a opinião pública a respeito do Palhares. «A opinião pública — disse Pascal razoavelmente — é uma esfinge com cabeça de burro.»

*

Perto de Tourencim, à beira da estrada real, havia em 1869 uma taverna onde pernoitavam almocreves. Albergara-se ali um hóspede a título de experimentar os ares da serra, pagando generosamente alguns confortos que o taverneiro lhe proporcionou. Era o comendador — já adivinharam.

O locandeiro não lhe conhecia a naturalidade, nem o apelido, nem a jerarquia na Ordem de Cristo. Chamava-lhe o *Sr. João*, e contava que o seu hóspede era homem de poucas palavras, muito tristonho e doente do interior.

Havia 33 anos que João Palhares emigrara. Visitava agora muito de espaço os quinchosos da sua aldeia. Não conhecia alguém; ninguém o conhecia a ele. Os rapazes da sua criação eram velhos, sem vestígios do que tinham sido. Os velhos do seu tempo tinham acabado. Viam os aldeãos aquele forasteiro bem-trajado, sentado nos penedos, encostado aos socos, com o queixo apoiado no castão da bengala. Cortejavam-no: — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Os rapa-

zitos esfarrapados e tisonados pelo sol pediam-lhe 5 réis pelas alminhas, e ele perguntava-lhes os nomes dos pais e dos avós, dava-lhes dinheiro, e afastava-se dos grupos das mães que o contemplavam com o respeito devido à generosidade das suas esmolas às crianças. Achavam-no às vezes parado em frente do terraço onde estivera a casa de Manuel Palhares. O taverneiro contara-lhe que a vira arder em menos de duas horas. O credor que a tinha arrematado murara um campo com a pedra, e no chão do edifício queimado gradara uma eira onde malhava e secava os cereais. Da antiga casa dos Palhares apenas subsistia uma casota onde o fogo não chegara, e que andava agora arrendada a uma pobre. Que caíra forte praga nas terras do Palhares, dizia. Os lavradores que as arremataram ao desbarato pegaram a desandar, tudo lhes correu mal, e por mais em conta que os filhos queiram vender as terras não há quem as compre. É o castigo de Deus, afirmava. Os usurários tinham emprestado ao velho doido pelas fêmeas o dinheiro a juro de 10 ao mês, e depois aconchavaram-se para arrematar os campos por metade do valor. A casa em que mora a Brites tecedeira...

— Quem ? ! — interrompeu o comendador com mal disfarçado alvoroço.

— A Brites, uma velhota que mora há mais de 20 anos na casota que não ardeu. Pois ninguém a quis comprar, e ainda está a render para as custas à justiça. Essa casa, contava meu avô, Deus lhe fale na alma, que fora feita por um padre Palhares a quem o povo chamava o *herege*, e que tinha pacto com o Diabo, porque não confessava nem dizia missa. Pelos modos o padre tinha fechada na tal casa uma fêmea que trou-

xera de Braga e 10 dias depois que ele morreu é que se soube, porque a mulher foi-se à sua vida. Pois o povo dizia que ela não era mulher natural; mas sim o Demónio em figura dela, e que desaparecera quando desceu às profundas do Inferno com a alma do padre.

O taverneiro, melhor orientado, concluía que o povo era parvo, e pendia a crer que a amásia do herege fosse mulher legítima em todos os sentidos. O que muito o espantava era a coragem da Brites tecedeira que lá estava sozinha na casota há vinte anos sem ter medo ao padre nem ao Diabo.

*

Uma tarde a Brites tecedeira sentara-se em um toro de castanho à porta do casebre, aquecendo-se à réstia do sol e friccionando as magras mãos enregeladas de frio e escoriadas de frieiras. Um gato amarelo, manchado de queimadelas do lar, com a cauda em gancho, exercitava as unhas deliciosamente na casca rugosa do cepo. Uma galinha muito doméstica, numa atitude ameaçadora e pérfida ao pé do gato, parecia espreitar o ensejo de o picar.

Era térrea, sem soalho, e muito húmida a casa do tear; a lareira ainda apagada. A tarde era de princípio de Novembro; do lado da serra do Mezio sopravam lufadas cortantes, e ao poente a neblina, emplumando os espigões da montanha, prometia grande nevada.

Tinham contado à Brites que na tasca do Grilo estava um homem de fora que andava às vezes pela aldeia dando esmolas de tostão e mais às crianças; e, como lhe dissessem que esse bom

homem era doentinho, a Brites todas as noites rogava à Senhora dos Remédios que lhe desse saúde e longa vida. Ela nunca o vira, porque raras vezes despegava do tear, senão para cozinhar o seu caldo-verde duas vezes no dia; além disso, tão cansada tinha a vista que bem podia ele passar em frente da sua porta sem ela lhe distinguir o vulto de qualquer outro.

Nessa tarde viu a tecedeira encaminhar-se para o seu lado a passo vagaroso uma figura desconhecida. Pôs a mão aberta sobre os olhos para os defender da luz fortemente deslumbrante do sol, e levantou-se muito cortês quando o comendador se aproximava.

— Sente-se que eu não venho incomodá-la — balbuciou muito comovido o Palhares.

Aquela velhinha era a esvelta tecedeira que ele havia amado 32 anos antes. Tinha os cabelos de uma alvura de estriga cortados rentes com as arcadas ciliares. Os missionários inculcavam às mulheres as virtudes de semelhante tosquia. Os olhos apagavam-se retraídos nas órbitas escarnadas. A pele do rosto, sulcada de rugas, arrepanhada nas proeminências ósseas, vestia de películas amarelas as cordoveias da garganta, de onde pendia um rosário de grandes contas de pau tingido com um Cristo de cobre zebrado de laivos de verdete.

Ela tinha sido alta, direita, elegante, de grande seio e quadris desempenados. Não podia agora aprumar-se pelo hábito da curvatura no tear; as espáduas cavernosas alteavam-se num inturgimento de frio; e o peito reentrante, côncavo, premiava-lhe as costas derreando-a. Trajava serguita roxa em forma de hábito de defunta. Era aquela a formosa Brites que o minorista amara.

O comendador repetiu-lhe que se sentasse que ele também se sentaria no mesmo toro nodoso de castanho. Ela teimou em ir lá dentro buscar uma cadeira de sola muito ruça, golpeada de gretas, com a pregaria denegrida de ferrugem. João Palhares, a reparar muito na cadeira, sentou-se, e disse que era de bom tempo aquela cadeira.

— Há 25 anos que a tenho, meu senhor. Comprou-a minha mãe, Deus lhe perdoe, quando se venderam os trastes de uma casa antiga, a dos Palhares, que era ali onde está aquela eira. Minha mãe comprou seis; mas eu tive necessidade de vender as outras a um homem da vila que por aí andou a comprar destas coisas antigas.

— Vendeu-as por precisão... para comer?

— Não, meu senhor, foi para mandar dizer doze missas de seis vinténs por alma de minha mãe; com mais oitenta e oito que já tinha mandado dizer, eram um cento certo. Quando ela deu a alma a Nosso Senhor tínhamos 20 moedas de ouro. Teve um ofício de 40 padres a doze vinténs a vela, e trinta missas no dia. As lavradeiras mais ricas não se gabam de melhor enterro.

— E depois... veio a miséria...

— Agora veio a miséria! Eu peguei a trabalhar, e ganhava um tostão por dia que me chega e sobra. Nunca, bendito seja Deus, pedi nada a ninguém nem peço; ora agora, como estou muito velha, quando não puder trabalhar, pouco viverei, e o hábito em que me hão-de amortilhar já ali o tenho na caixa.

— Então vossemecê ainda conheceu essa família Palhares...

— Como as minhas mãos. A tia Rosa, casada com o tio Manuel, ainda era nossa parenta; e o

marido era meu padrinho. Deus se compadeça da alma dele... que ela era uma santa.

— E tinham filhos?

— Três, meu senhor. O mais velho era o Senhor Padre João... isto é, ele não chegou a subir ao altar; estudava para padre, e foi para o Brasil... por motivos que Deus sabe.

— Algum crime...

— Credo! crime não, senhor. Ele era um anjo! Tão boa fosse a minha alma como era a dele.

— Morreu?

— Isso não lhe sei dizer a Vossa Senhoria. Aqui há coisa de 20 anos ainda era vivo; porque a irmã recebia do João uma mesada. Depois que a irmã foi dar contas a Deus, nunca mais ouvi falar dele. Quer morresse, quer não, rezo-lhe por alma todos os dias.

— Vê-se que foi amiga dele.

— *Amiga* não, senhor! — acudiu a velha com energia.

Brites dera à palavra *amiga* uma interpretação sinónima de *amásia*; porque na rusticidade aldeã das províncias do Norte não se compreende a *amiga* em outro sentido. O comendador recordou-se então do dialecto da sua terra e emendou:

— *Amiga*, quero dizer *afeiçoada*... Se sentia por esse rapaz sentimentos honestos e virtuosos, perguntava eu.

— Isso sim, senhor, e por mais ninguém neste mundo, Deus o sabe; e, se pequei por lhe querer tanto, também padeci muito, e Nosso Senhor Jesus Cristo me perdoará pela sua infinita misericórdia.

Entrou a soluçar e a enxugar com o avental de estopa as lágrimas.

— Mas... — atalhou o comendador — porque

padeceu? quem a fez padecer? foi a ingratidão desse homem?

— Ingratidão, não senhor, que ele não me devia nada, bendito seja Deus. Nem ele nem eu temos de dar contas das nossas ruins acções. Ele foi lá para a sua vida trabalhar, e Nosso Senhor sabe o que custou a amanho o pão quem não estava afeito a puxar pelos braços. Esqueceu-se de mim... paciência. Tudo esquece neste mundo onde a gente vai de passagem para o outro. Também eu, quando minha mãe morreu, cuidei de estalar, e que nunca mais teria uma hora de reago na minha paixão. Pois ela já lá está à minha espera há mais de vinte e dois anos, e eu estou aqui viva e sã. É tudo assim: quem morreu, morreu; e, diz lá o ditado, longe da vista, longe do coração.

— Mas — instava o comendador — que foi o que vossemecê padeceu pela ausência do tal rapaz?

— Porque fiquei com os meus créditos perdidos, meu senhor; fiquei tida e havida como má mulher, percebeu agora Vossa Senhoria? O pai dele — que isto não pese à sua alma — espalhou que eu era *amiga* do seu João, e que fui a causa de ele não se ordenar e ir por esses mares fora. Chamava-me os piores nomes que se podem chamar a uma mulher; e toda a gente o acreditava, menos minha mãe, e o meu confessor, e Deus que via a minha inocência. Por aí, os moços que me tinham pedido a minha mãe, depois apupavam-me; e as donzelas voltavam-me as costas e não ajoelhavam à minha beira na igreja. Eu fugia de toda a gente, e por aí diziam que era vergonha. O meu confessor, quando me encontrava, passava-me a mão pelo rosto e dizia: «Pobre rapariga, pobre rapariga, espera em Deus a justiça, já

que neste mundo não ta fazem, e eu não posso como teu confessor defender-te em público. Sofre com paciência o teu purgatório neste vale de lágrimas.» Parece-me que estou a ouvir o Senhor Padre António de Vilarinho. As únicas pessoas que me julgavam boa morreram cedo — era minha mãe e o meu confessor. Depois, cheguei a querer fugir da terra e ir servir longe, onde me não escorraçassem; mas a minha mãe estava entrevada, muito velha, como eu sou agora, e dizia-me que eu, se fugisse, dava razão às línguas do mundo. Passei alguns anos sem sair de casa, sempre a tecer que até o coração se me coseu com as costas; só aos dias santos ia ouvir missa de madrugada à igreja de Tulões, e à saída deitava o avental pela cara para me não conhecer o povo.

O comendador contorcia-se. As fauces secas, os olhos húmidos, uma constrição de faringe, como um espasmo que lhe subia, esófago acima, das regiões inferiores. Era um acesso de hipocondria, uma invasão de tristeza negra, biliosa, em que os rebates do seu primeiro amor faziam pequena implicância. Estas intermitências aflitivas, que a medicina atribuía à diátese nevropática, atormentavam-no a miúdo, e quase sempre começavam por um acto psicológico — por exemplo, uma saudade, uma vaga reminiscência da sua juventude; às vezes, a ideia súbita da morte pavorosa, um túmulo fechado, o silêncio eterno assistindo à pulverização de um cadáver purulento e de uma hipótese de alma encharcada na podridão lamacentosa do seu invólucro.

— Porque não escreveu a esse homem contando-lhe os seus infortúnios? — perguntou o comendador escondendo as lágrimas.

— Eu não sei escrever, meu senhor; e, ainda que soubesse, que montava escrever-lhe, se ele não podia remediar nada?

— Quem sabe...

— César comigo não podia, porque já estava preso à Igreja. Que lhe havia de eu pedir? Esmolas não precisava delas porque eu cá tinha o meu modo de vida...

— Podia ir para a companhia dele!...

— Credo! Isso então era fazer verdadeiras as mentiras, que o pai dele espalhava. Nem o Senhor Padre João era capaz de me dizer que fosse para a sua companhia. Não era, não. Aquilo era um santo. Às vezes estávamos um à beira do outro até lá por essa noite fora no eido da minha casa, e nunca ele me pôs mão tanto como isto, nem me disse palavra que minha mãe não devesse ouvir. Vossa Senhoria não pode fazer uma ideia... Pelo que oiço dizer, rapazes assim já os não há... Enfim, eu não me queixo dele. Nada me devia; e, se me não escreveu a contar-me a sua vida, é porque ele bem sabia que eu não podia ler as cartas nem responder-lhe. Só Deus sabe a minha alegria quando me contaram que ele estava rico e dava muito dinheiro aos irmãos. Se eu soubesse escrever ou tivesse alguém que mo fizesse, dava-lhe então os parabéns; mas dei muitas graças a Nossa Senhora pela boa sorte daquela criatura que tanto chorou ao despedir-se de mim...

— Mas esqueceu-a... — murmurou o comendador.

— Pois sim, sim... — voltou ela com resignação — eu não digo menos disso. Eu era uma pobre tecedeira... Faltavam-lhe a ele lá brasileiras bonitas... — acrescentou entre sorriso e lágrimas. —

Por lá se distraiu... Quem nunca esquece é quem fica, meu senhor... Tudo mo trazia à lembrança por aqui; via-o em toda a parte onde estivera com ele, desde muito pequena, quando fomos ambos para o monte com as ovelhas, porque em minha casa havia um rebanho antes de meu pai, que Deus haja, jogar nas feiras de ano uns campos com que vivíamos muito remediados. Depois foi que minha mãe se apegou ao modo de vida de tecer, e mais a minha irmã mais velha que casou...

— Já morreu a sua irmã?

— Há muitos anos, e já morreu também, faz quatro anos para as segadas, um meu sobrinho que era afilhado do Senhor Padre João... Estou-lhe sempre chamando *padre* João... Ficaram três filhos do meu sobrinho que cabiam todos num cesto. Trouxe-os para onde a mim e criei-os como pude e Deus sabe como. Assim que foram crescendo pu-los a servir porque não tinha que lhes dar. Por aí andam a guardar o gado por casa desses lavradores, e na Noite de Natal vêm consoar comigo todos os anos — uma consoada de lágrimas, a falar a verdade, ao menos para mim, que me lembro da Noite de Natal da minha casa quando eu era menina como eles. Juntavam-se todos os parentes; éramos dezesseis pessoas à mesa, uma alegria, santo nome de Jesus! Ainda bem que os pobres rapazinhos não conheceram a abundância... Sempre desgraçadinhos! Quando o pai morreu, de maleitas, na Terra Quente, onde foi às segadas ganhar a vida, já as crianças passavam muitas fomes; e, como já não tinham mãe, andavam à matroca por casa dos lavradores que lhes atiravam uma côdea seca como a uns cães. Enfim, Vossa Senhoria queira perdoar o meu atre-

vimento de lhe estar a contar estas desgraças que não lhe importam. É vezo de velhas, que vivem sozinhas como eu, darem muito à língua quando topam quem queira aturá-las. Faz-se escuro, e está muito frio, meu senhor. Com bem passe a noite, que eu ainda vou fazer a minha ceia que não lhe ofereço porque é caldo-verde mal adubado e boroa — concluiu, sorrindo.

O comendador apertou-lhe a mão que ela lhe concedeu com hesitação, por não se achar acostumada àquela etiqueta ainda então desconhecida em Tourencim. Parece que Brites receava que o forasteiro lhe quisesse dar uma esmola, e doía-lhe ter a soberba de a rejeitar.

Ele afastou-se com o seio arquejante e túrgido de soluços represados. Era o espasmo nevrótico da hipocondria, uma tristeza estranguladora.

*

Espalhou-se pela aldeia que o hóspede do Grilo, tendo melhorado dos seus achaques com os ares benignos de Tourencim, pensava em edificar por ali uma casa e comprar terras. Concorreram logo os possuidores dos bens dos Palhares a solicitar a protecção do Grilo para que o seu hóspede lhes comprasse. Também se vendiam as leiras e cortinhas, que o pai da tecedeira Brites tinha jogado nas batotas das feiras. Os possuidores destas terras excomungadas traziam a consciência atormentada desde que os missionários Varatojanos pregaram que os bens deste mundo, adquiridos fraudulentamente por baixo preço, se pagavam muito caros no Inferno; e que o Demónio, quando cá se faziam os negócios trapaceiros,

escrevia lá no seu rol com letras de fogo as quantias que os compradores embusteiros lhe ficavam devendo para liquidar contas nas fogueiras eternas. As mulheres dos proprietários das terras infamadas denunciavam-se a chorar na igreja, com o terror das penas infernais, e iam para casa, sócias do Diabo, atanzar os maridos. — Que vendessem por todo o dinheiro os campos excomungados, ou que os deixassem a monte. — Que raios partissem os Varatojanos! praguejavam os maridos; e, dissimulando o seu terror, ofereciam, por debaixo de mão, as propriedades por metade do seu valor, mentindo sempre quanto ao valor, a ver se embaçavam os Varatojanos, o Diabo e a justiça divina, tudo ao mesmo tempo. Fortes velhacos!

Quando, pois, se divulgou a fausta nova de haver comprador às terras, acotovelavam-se os vendedores à porta da taverna do Grilo, e todos alegavam que as vendiam por menos de metade do custo, e assim o juravam pelas almas de seus pais e mães. O comendador exigiu-lhes as escrituras das compras ou o preço das arrematações. Examinados os documentos, notou que os lavradores, graças à influência dos missionários, apenas mentiam 50 por cento, e pensavam deste modo liquidar as suas contas com Satanás, desfazendo-se das terras malditas com 50 por cento de lucro. Ainda aparecem nas aldeias portuguesas, onde os missionários fazem barreiras anuais, estes brutos inocentes. Trata-se agora de os civilizar pela instrução obrigatória. Imaginem o grau de velhacaria que eles hão-de atingir quando forem instruídos até ao ponto de troçarem os Varatojanos!

*

O comendador fez-lhes saber que compraria as terras oferecidas; mas pelo preço por que as tinham adquirido. Aceitaram a proposta depois de regatearem com o Grilo, jurando sempre pelas almas de seus pais e mães que as terras tinham custado mais metade do que diziam os autos, e que os escrivães provavelmente para roubarem os arrematantes escreveram somente metade do preço, abotoando-se com o resto. Notem a candura engenhosa da calúnia! Até onde chegará a imaginação destes fantasistas com o cérebro adubado pelo ensino obrigatório? Cada aldeia será um alfofre de romancistas evolutivo de uma estrutura de malandrins.

Combinados os contratos, aprazou-se o dia das escrituras em casa de um dos vendedores. O tabelião perguntou o nome do comprador. Indicaram-lhe o forasteiro que apenas conheciam pelo *Sr. João*.

— O nome todo de Vossa Senhoria? — perguntou o funcionário.

— Eu não sou o comprador — disse João Palhares. — A compradora é esta mulher que vem entrando.

Voltaram-se todos os vendedores para a porta, e empedraram de espanto quando viram a velha Brites teceadeira. O comendador ergueu-se do seu tamborete de sola para ela se sentar. Brites olhava para os circunstantes estarecida. Estava ali sem saber para quê. O Grilo, enviado pelo hóspede, foi quem a trouxe para um fim qualquer. Ele mesmo não sabia o fim para que a trazia. A mulher estava pasmada, tinha medo, fazia-lhe terror

o tabelião com óculos de cobre, e um barrete preto de torçal até baixo das orelhas, e um *cache-nez* em que imergia o queixo inferior.

— Como se chama? — perguntou-lhe o notário, fitando-a por cima dos óculos, com a pena de pato apontada à página da nota.

— Eu? — perguntou ela, olhando timidamente para o comendador, como a consultá-lo na sua atarantação.

— Diga-lhe o seu nome, Sr.^a Brites Ferreira.

— Brites Ferreira, uma criada de Vossa Senhoria — repetiu ela, erguendo-se com uma mesura.

— Casada, solteira, ou viúva? queira sentar-se.

— Solteira, meu senhor.

Para obviar ao interrogatório, o comendador resumiu que ela era natural de Tourencim e residente na mesma povoação.

Lavrada a primeira escritura que abrangia as propriedades do pai da tecedeira, o tabelião impôs silêncio ao falatório dos lavradores com um *psiu* carrancudo, e leu: *Saibam quantos virem esta escritura que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e nove, aos vinte e três dias do mês de Dezembro neste lugar de Tourencim, compareceram de uma parte Brites Ferreira, solteira, de maioridade e sui juris, natural e moradora do mesmo lugar, reconhecida das testemunhas adiante nomeadas que reconheço, de que dou fé.*

Depois nomeava o nome do vendedor, o das propriedades com suas confrontações, encargos, foros, etc. E prosseguiu *que tudo vende, de hoje para todo o sempre à compradora Brites Ferreira com todos os seus acessórios e pertencas, servidões actuais e logradouros, pela quantia de dois contos e cem mil réis...*

— O dinheiro para se contar? — perguntou o tabelião à compradora.

Ela, assombrada, olhava para o comendador, que abria alguns rolos de libras desenrolando-os sobre a mesa.

— Conte — disse ele ao vendedor espavorido; — veja se estão certos dois contos e cem mil réis.

Feita a contagem, o tabelião prosseguiu, atando o fio:

...a quantia de dois contos e cem mil réis que contou e achou certa, de que dou fé.

Exibiu muitas outras elocuições tabelioas de uma inutilidade arqueológica, e susteve-se, observando com a pena empunhada:

— Falta o nome das testemunhas.

E voltado para o comendador:

— O nome de Vossa Senhoria?

— João Palhares — respondeu o interrogado.

Brites erguera-se convulsa, e perguntou num murmúrio quase inaudível:

— Que foi que ele disse?!

— De onde é natural? — tornou o notário.

— De Tourencim.

— Idade?

— 56 anos.

— Estado? e profissão?

— De profissão negociante matriculado na praça do Rio de Janeiro; quanto a estado, aquele que não se chama nenhum, porque estudei para presbítero e vinculei-me à Igreja pelas primeiras ordens sacras. Não tenho estado que se possa definir num instrumento público.

Ele sorria, voltado para o tabelião, quando Brites, num tremor, com as mãos postas, e o rosto lavado em lágrimas, caía sobre os joelhos,

a murmurar: «Ó Virgem Santíssima, eu estarei sonhando!»

O comendador levantou-a para si, apertou-a ao coração num abraço estreito, e disse-lhe:

— O primeiro abraço que te dei assim apertado foi há 33 anos quando me despedi de ti, não foi, honrada mulher, minha santa amiga? Aqui tens o teu velho João Palhares, tão tarde, ao fim da vida; mas aqui o tens, sem uma só feição por onde o reconheças a não ser por estas lágrimas que são as dos mesmos olhos que tu viste chorar quando nos despedimos.

Brites soluçava, apertando-lhe as mãos, e forcejando por ajoelhar-se, não diante dele, mas de um Jesus crucificado que ali estava em um oratório.

A comoção era geral. O próprio tabelião limpava ao seu lenço de Alcobaça os óculos embaçados de lágrimas. Tinha a fibra dramática o homem, e dizia que a passagem parecia de novela. Os lavradores também esfregavam as pálpebras roxas aos canhões das véstias de saragoça. Este episódio passou com a sua naturalidade chata de aldeia. A cena, transferida de Tourencim para um 1.º andar da Baixa, reclamaria grande consumo de éter sulfúrico e a convergência dos postos médicos. Não passou a coisa de uma crise de assombros, que o comendador interrompeu, pedindo ao tabelião estupefacto sob a vibração dramática, que lavrasse as restantes escrituras relativas aos bens que haviam sido de seus pais.

*

Daí a vinte e quatro horas sobrevieram as festas do Natal. Brites recebera a chave da casa

onde nascera, e logo de manhã mudara do casebre alugado com a sua caixa de pinho, o seu catre de tábuas, o seu tear e a sua cadeira de sola com pregagem amarela. O comendador foi consoar com Brites. Estavam também os três netos da irmã da tecedeira com os seus sapatos brancos, chapéus bragueses, e roupa nova de saragoça com que o Palhares se prevenira para os agasalhar por fora e aquecê-los por dentro com o calor da alegria. Os rapazinhos remiravam-se com a estranheza idiota das felicidades imprevistas. Mas a ceia correria melancolicamente. Os dois velhos contemplavam-se, a espaços, numa taciturnidade dolorosa. Estavam ambos com os olhos da alma postos no passado, nas saudades da sua juventude. O que restava desse tempo eram duas vidas atrofiadas, já sem coração por onde um raio de contentamento lhes levasse aos nervos as palpitações do amor. Procuravam-se ambos, um ao outro, na sua existência dos vinte anos, e não se reconheciam em uma feição sequer. Uma completa desfiguração. Nem ao menos se diziam uma palavra que recordasse alguma das sensações delidas da memória por trinta e três anos de ausência. E então a Brites, que não sabia exprimir com palavras a sua saudade, chorava; e ele, que se iludira esperando contentamentos, perguntava a si mesmo como pudera loucamente esperá-los em tal conjectura, face a face de uma que fora formosa mulher e lhe aparecia agora amortalhada nas rugas da decrepitude precoce. Seria querer arrancar ao Impossível uma aurora chilreada de amores, para a noite infinita da sua alma. Esse milagre fê-lo uma só vez na Alemanha o Diabo na pessoa do Fausto. Deus não era capaz de tamanho absurdo. Coração morto, ressurreição im-

possível. Esta fórmula axiomática tanto cabe na *Fisiologia da Morte* de Bichat como nas estrofes de um poeta elegíaco.

Na sua amargura, ainda assim alentava-o uma ideia dulcificante; é que nessa boa acção de investir a pobre velha na posse dos bens de seus pais, bastantes à sua decente subsistência, se o seu coração não tinha de que alegrar-se, a sua consciência galardoava-o. Era uma honra dar àquela pobre o património dos três sobrinhos que ela apartara de si por não ter pão bastante para repartir com eles.

Não viera, pois, inutilmente à sua terra, pensava ele entre si. Ninguém lhe tinha anunciado que a Brites sofrera inocente as injúrias que raras vezes sofrem as criminosas, as perdidas. Se ele o soubesse, já teria vindo oferecer à pobre mulher um amparo. Devia ser a divina Providência que lhe inspirou o regresso à sua aldeia, sem lembrar-se de que poderia ainda viver a mulher que lhe transtornara o seu destino. Não tinha outros estímulos que o alegrassem e lhe abrissem, na velhice, um parêntesis de bom repouso. Esperanças, em quê? Mas isso era pouco para quem nunca sentira na consciência a remuneração de uma longa vida sem mocidade, sem delitos, sem desvios da honra. O pobre homem, que fora austero com as suas paixões em moço, chegado ao inverno álgido, que a fantasia pode remoçar como um escárnio dilacerante, queria sentir os aromas dos seus primeiros anos em flor, ao lado daquela gentil rapariga que ali estava agora ensinando aos netos de sua irmã uns versos que os Varatojanos tinham ensinado para se cantarem ao nascimento do Deus Menino! Ah! a fé cristã do comendador não era bastante para estes raptos de devoção lírica, nem

prestava uma copiosa atenção à história que a velha contava dos três Reis Magos, Baltasar, Gaspar e Melchior.

*

Já cantavam os galos.

O Palhares, passando da casa de Brites para o seu aposento na taverna do Grilo, ia dizendo consigo: «A minha amargura é enorme como o tédio da vida. Se o trabalho me não salvar, virá a tristeza abafar-me até me matar. Eu vim aqui buscar uma dor que não conhecia, e me está esmagando — a saudade, a atroz certeza de que nada me pode dar o passado sem melhorar o futuro.»

Apoderava-se do nevropata o demónio da hipochondria — uma dessas agonias que a um tempo despedaçam o corpo e a alma.

*

Na eira onde o incêndio esboroou a casa dos Palhares, em poucos meses ergueu-se outro edifício renovado, mas construído com a alvenaria da antiga casa. O comendador mandara desfazer os muramentos levantados com a pedra ainda enegrecida das lavaredas, e repô-la, guardando o plano que tivera. Ele mesmo se lembrava das menores divisões da casa; e outros homens mais antigos assistiam à reposição do material sobre o traçado primitivo.

Parecia andar distraído e até contente nesta freima o comendador Palhares. Era o trabalho, a actividade com um destino que lhe despontava os espinhos da tristeza. Passava horas, sentado na cadeira de sola, à porta de Brites; e ela sen-

tava-se a fiar no banco de pedra tosca onde, em noites de luar, enquanto a mãe não se deitava, se assentara ao lado do João Palhares. Os pequenos andavam pela serra com os seus bois e o seu rebanho de ovelhas. A lavoira de Brites era mediana; mas bastava-lhe o granjeio para o seu farto passadio. Tinha criados e jornaleiros. Sentia-se feliz; rezava muito, e atribuía o reviramento da sua vida ao patrocínio do seu Anjo da Guarda, sobpondo o comendador em posição respeitável, mas subalterna.

O comendador, concluída a casa e trastejada modestamente, foi habitá-la; mas as sensações recebidas na soledade daquele casarão ermo, escuro e frio não responderam à sua perspectiva. Era um visionário aquele enfermo sonhador! Tinha lances de vista psicológicos que só aos poetas são permitidos. Contava com uma suave melancolia encostando-se ao parapeito da janela do seu quarto de rapaz, imaginando-se a tirar os significados do seu *Magnum Lexicon*, ou contemplando o esvoaçar dos corvos e das águias por sobre as ameias do castelo romano do Pontido. Lá foi encostar-se ao parapeito, trinta e tantos anos passados, e a tristeza que sentiu não tinha suavidade alguma; era um duro transe de alma em que não havia, sequer, o desafoço das lágrimas — uma espécie de tédio da vida, pior que o frenesi da desesperação.

Às vezes pensava em voltar para o Brasil — ir trabalhar, cansar o corpo e o espírito. Um conhecido de Vila Real dizia-lhe que fosse para aquela terra, e empregasse a sua energia num negócio de seguros resultados, 300 por cem e mais. Que desse dinheiro a juros. Asseverava-lhe que uma dúzia de contos bem administrados, era obra

para dar oitenta contos em dois anos. Citava exemplos, duas dúzias de exemplos de capitalistas que tinham começado a emprestar doze vinténs sobre umas botas, e estavam de posse das casas brasonadas dos antigos fidalgos da terra. Que fosse, e veria como o fígado se lhe desopilava, porque, além da usura, Vila Real tinha água muito pura e excelentes hortaliças.

*

Um dia, o comendador mandou comprar três cartilhas de aprender a ler e três *Manuais Enciclopédicos*. Chamou os sobrinhos de Brites e principiou a ensinar-lhes o *abc*. Entreteve-se algumas horas, e começou a sentir-se bem, com o pensamento preocupado no alcance remoto daquela obra. Os rapazinhos estudavam muito e andavam muito alegres. Outros pequenos, filhos de lavradores e jornaleiros, tinham-lhes inveja, queriam também estudar; mas não se atreviam a pedir ao Senhor Comendador que os admitisse, que os ensinasse. Porém, um dos rapazes mais pobres teve a coragem de lhe pedir pelo amor de Deus que o deixasse ir à escola.

— Vem — disse o comendador — e venham todos os que quiserem vir, que eu dou-lhes as Cartilhas e as Tabuadas.

Encheu-se a casa de rapazes de toda a freguesia, os abastados e os indigentes. Era um chilrear de estorninhos todas as manhãs à porta do comendador. Entravam com os tamancos na mão, atirando com os chapéus de palha ao lajedo do pátio; pediam-lhe a bênção e alinhavam-se nas suas bancadas soletrando infernalmente as suas lições numa grande berrata. E o professor sentia-se

alguns números do *Século* e da *Ideia Nova*. Se isto é verdade, receio muito que os discípulos do comendador, armados de fouces roçadouras, imponham qualquer dia, ao abastado mestre, a liquidação social.

bem. Nem nevroses, nem hipocondria, nem flatos, nem calores no abdómen, nem espasmos nos gorgomilos. Costumava a doença quebrantá-lo na Primavera; mas passaram duas Primaveras sem uma nevralgia, sem uma insónia. Dantes alimentara-se a leite e ovos; agora comia orelha de porco e digería os feijões respectivos sem a mais ligeira ameaça de flatulência. Bom, vigoroso, alegre, prometendo longa vida.

E tem hoje setenta e quatro anos feitos, e ainda ensina a ler, incansavelmente, os filhos de outros que já adultos foram seus discípulos.

Os três sobrinhos-netos de Brites trabalham na lavoiria de sua tia e dirigem a do comendador de quem provavelmente serão herdeiros. Em todas as casas de Tourencim há mais ou menos instrução do *Manual Enciclopédico*; e ainda assim as crenças religiosas não têm sofrido abalo importante. De três em três anos, aparecem os missionários que o comendador hospeda bizarramente, dando-se como exemplo de católico-romano aos vizinhos. Ele mesmo incute nos seus discípulos ideias religiosas, porque não sabe com que há-de encher na alma humana o terrível vazio que fica, perdida a fé.

Vê-se que não está bem orientado, não sabe os modernos processos que exterminaram Deus; mas é feliz. Também não tem o bom hábito de rezar; mas a Brites reza pelos dois.

*

Não tenho dados suficientes para poder formular a mentalidade erudita de Tourencim; mas asseveram-me que já este ano por lá circularam

In *Serões de São Miguel de Seide*, de Camilo Castelo Branco